



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

DA LOUCURA QUE HABITA AS RUAS AS RUAS SEM LOUCOS: A TENTAIVA DE NORMATIZAÇÃO DO[A] LOUCO[A] NA CIDADE DE POMBAL-PB (1930-1945)

Helmara Giccelli Formiga Wanderley*

1

Severino Gabriel, Carne Assada, Mané Doido, Açoite, Juriti, Expedito [o do relógio], Nonato, Zé Capitula, Clóvis, Dinha, Chico Catabio, Zé da Paulista, Gerinha, Nina Pata Choca, Bisel, Barrão, Xica Paví, Martina, Gusteira... e isso só para citar alguns dos “nomes da loucura”¹ que habitavam/ circulavam nas ruas de Pombal entrem os anos de 1930 e 1945.

A partir de 1927 a cidade de Pombal-PB começou a passar por transformações urbanísticas e sanitárias que objetivavam torná-la uma cidade moderna², compatível com o grau de civilização do seu povo”(ASSIS, 2004).

Ainda que não seja nosso propósito discutir se Pombal se tornou uma cidade moderna, nos anos do nosso recorte, não podemos negligenciar o processo de

* Professora nos curso de Serviço Social e Direito da Universidade Federal de Campina Grande; aluna do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco - Doutorado.

¹ Título do livro de Isaias Pessotti, onde o autor trata não dos homens e mulheres denominado como louco[as], mas daqueles que, psiquiatras ou não, conceituaram de diferentes formas a loucura. Ver PESSOTTI, Isaias. **Os nomes da loucura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

² Sobre o processo de modernização da cidade de Pombal ver: WANDERLEY, Helmara G. F. **Cotidiano, Cultura e Lazer em Pombal: Contradições do Progresso (1927-1959)**. Dissertação (Mestrado) em História – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.

modernização por que passou aquela urbe, isto porquê, para compreendermos as mudanças de sensibilidades de seus habitantes em relação aos seus loucos e loucas, faz-se fundamental, antes, compreender sua cartografia espacial e social.

Isto posto, cabe assinalar que nos anos imediatos à inauguração do motor da luz, os pombalenses experienciaram ainda a implantação dos trilhos e a chegada do trem, além da inauguração da Indústria de beneficiamento de oiticica, a Brasil Oiticica, em 1932. Neste mesmo ano foi construído o primeiro prédio escolar de Pombal, o Grupo João da Mata. Em 1939 uma obra de grande impacto foi a construção da Ponte do Areial sobre o rio Piranhas. Seguindo-se a isto, em 1940 foram concluídas as obras das Praças Rio Branco e Getúlio Vargas, assim como, o Coreto, localizado na primeira praça e a Coluna da Hora, na última. Naqueles anos também as residências particulares foram remodeladas para atender ao novo modelo de cidade. Tais conquistas, como pode ser notado, chegavam desprovidas de ritmo frenético, de forma que só é possível falarmos em modernização na cidade de Pombal se considerarmos as condições de recepção e adaptação daquelas conquistas materiais e técnicas, o que sem dúvida impactou o cotidiano dos pombalenses, que sentiram tais transformações como sinais de que a cidade estava se modernizando³. Neste sentido, objetivamos compreender como surgiu, no contexto das mudanças por que passava Pombal, um discursividade exagerada em torno da modernização urbanística e das práticas sociais e em prejuízo das camadas menos favorecidas, tais como: prostitutas, mendigos, homossexuais alcoólatras, loucos[as], enfim, pobres de toda ordem, que passaram a ser vistos/ percebidos como classes perigosas⁴, que empurrados pelas “picaretas do progresso” foram expulsos do espaço citadino centralizado e levados a áreas distantes, onde não representassem perigo à sociedade (WANDERLEY, 2009).

No que se refere ao último grupo, é preciso sublinhar que naquela urbe era prática comum, até o início dos anos 1930, que os homens e mulheres nomeados como loucos vivessem solto pelas ruas, caminhando, comendo, repetindo algumas manias, cantando ou proferindo palavras de teor imoral... divertindo alguns e/ou incomodando

³ Sobre a modernização nas cidades nortistas ver ARANHA, 2005. Para compreender a modernização na cidade de Pombal ver WANDERLEY, 2009; ver também SANTANA, 2007.

⁴ Sobre o conceito de classes perigosas ver CHALHOUB, 2006.

outros tantos, o que não foi algo exclusivo daquela urbe⁵, o que dava àqueles personagens uma visibilidade imediata. Incorporados às paisagens pombalenses, aqueles homens e mulheres nomeados como alienados[as] carregavam no seu vestuário e nas suas esquisitices as marcas da vesânia.

Conhecido por seu pequeno vocabulário francês, composto por duas frases que supostamente não sabia o significado, Severino Gabriel, cumprimentava, a qualquer hora do dia, qualquer pessoa que atravessasse o seu caminho com as saudações: “Bonjour mon amour” ou “Merci beaucoup” Considerado um louco delirante, segundo os pombalenses que o descrevem, “andava com um saco que levava com coisas que ia pedindo e apanhando nas ruas”. Este personagem, na esteira das reflexões propostas por Magali Golveia Engel, nos possibilita [re]conhecer, em Pombal, “uma loucura que conseguia manter certo saber e poder sobre si”, garantindo por meios de pequenos ofícios ou de esmolas sua sobrevivência e, em alguns casos, provendo o sustento de sua família. Nos rastro de Engel, observamos ainda que apesar da existência, em Pombal, de discursos que assinalam a incapacidade dos loucos[as] para cuidar de si e do outro, o que os coloca na condição de incapazes, foi comum nesta urbe que aqueles personagens tenham se tornado os provedores dos seus lares. Assim, cite-se, à título de exemplo, Dinha, que dentre outras coisas, chamava a atenção por sua mania de se agachar embaixo de uma árvore e ficar fazendo riscos no chão com o próprio dedo. De acordo com sua irmã, a Sra. Valdete Dantas,

Dizem que Dinha ficou doida porque carregava, na cabeça, as buchadas quentes que papai fazia, mas ninguém tem certeza. A coisa mais impressionante que eu achava era que ela só tinha um amigo, Toinho da Bodega. Aí todo dia ela ia lá fazer a feirinha dela, era uma quarta de tudo. Já sabia de cor o que ia comprar (risos). Toinho não cobrava, né? Ele dava porque ela não tinha como pagar. Aí quando voltava pra casa, dividia tudo que comprou, que ganhou, com os meninos aqui de casa. Enquanto Dinha foi viva não faltou o que comer (DANTAS, 2011).

⁵ Sobre isto ver CUNHA, 2010; ver ENGEL, 2011, ver também BRITO, 2011.

Também merece ser mencionado o caso de certo homem⁶, considerado louco e que, tendo absorvido o discurso vitimista costumava se dirigir as pessoas nos seguintes termos:

Fulano me dê um dinheirinho pra eu comprar uma coisa pra mim na feira?... porque eu sou doido e não tenho emprego... Sicrano me de um tostão pra eu comprar um biscoito pra mim, porque eu não tenho meu juízo e não posso trabalhar... (2009)

Não sendo possível conhecer as razões ou desrazões para que aqueles homens e mulheres considerados alienados agisses dessa ou daquela forma para garantir a manutenção do lar, cabe ainda, iluminar um outro aspecto da “suposta” incapacidade, a defesa pessoal. Assim, voltemos a Severino Gabriel. Conforme afirmamos acima, aquele homem era considerado um louco calmo, pacífico, contudo, vários dos nossos colaboradores lembraram

Por andar com um saco nas costas, as crianças inflamadas por seus pais tinham medo daquele louco. Então, quando ele passava por elas [as crianças] o insultava e o apedrejava, e ele? respondia com palavrões e pedradas, o que muitas vezes ocasionou sua prisão na cadeia (ASSIS, 2004).

Apesar de apontar para a idéia de que mesmo em face das provocações aquele personagem era punido com a cadeia, não se pode negar que o ato de responder com palavras hostis e pedradas, o que poderia inclusive provocar acidentes graves, é indicativo de que para além de sua incapacidade mental aquele sujeito era capaz de proteger-se das ameaças que o rondavam, o que nem sempre foi visto a partir dessa lente⁷, de forma que apesar de sofrer vários tipos de violências, que vinham de crianças e adultos, nos discursos das elites letradas, os loucos[as] representavam perigo para o corpo social.

No que se refere a capacidade de autodefesa, a única exceção, segundos nossos colaboradores, é/foi Nonato. Entre “os nomes da loucura” que circulavam nas ruas de

⁶ Os nomes dos envolvidos na citação serão omitidos à pedido do colaborador.

⁷ Apesar de não haver um só relato de memória afirmando que os loucos que vagavam nas ruas de Pombal atacavam pessoas sem motivação, quase todos os colaboradores sublinham o perigo das pedras e xingamentos lançados pelos vesânicos em Pombal.

Pombal entre os anos 1930 e 1945, este personagem foi, sem dúvida, aquele que ganhou maior notoriedade.

Nonato era louco coitado, mas não fazia mal à ninguém, até uma criança assustava o pobre!” Andava sempre apressado, de mãos juntas girando os polegares entre si, passava o dia caminhado na cidade. A loucura dele estava ligada ao toque do sino ou de chocalho, o que foi provocado por um susto encomendado pela mãe dele. Quando o sino tocava ele sai correndo “feito louco”, emburacava (sic) nas casas com medo. (JUNQUEIRA JUNIOR, 2011)

Além de correr do som dos sinos, aquele “louco” ficou conhecido na cidade por fazer chover. Considerado uma “criatura” de Deus, as pessoas o consultavam sobre muitas coisas e o fazia cantar a música denominada “O bendito”, cuja letra foi lembrada pela Sra Neuman Santana: *“Meu Jesus aos vossos pés/ a miséria nos conduz/ pelas vossas cinco chagas/ dai-nos chuva meu Jesus/ pelos cravos que cravaram/ vossos pés e mãos na cruz/ pelo sangue derramado/ dai-nos chuva meu Jesus...”* (SANTANA, 2012).

Os pombalenses que consultamos afirmam que a canção proferida pelo louco Nonato fazia chover, para o que não discordamos, mas nos interessa entender quais as condições de possibilidade para o surgimento de discursos como este naquela urbe. Assim, consideramos pertinente o seguinte relato:

Nonato gostava muito de cantar e de rezar. Aí um dia Frei Damião estava aqui em Pombal, aí ele pediu a mãe dele para levar ele lá, ela levou. Aí quando o padre, perguntou se ele tinha pecado, ele respondeu: *“Eu fui na casa de Nini, peguei a calunga dela, sacudi no cacimbão e fiquei olhando... aí ela fez tibum, tibum”*. Tem mais pecado? perguntou o padre. *Tem...* Frei Damião chamando a atenção de quem estava na igreja disse, esse rapazinho é uma criança no juízo, uma criatura de Deus (SANTANA, 2012).

Não podemos afirmar que foram as palavras do Frei que concorreram para o surgimento de um discurso que atribuía àquele personagem o papel de intermediário entre Deus e os homens, mas uma coisa é certa, aquela crença trouxe desconforto para alguns pombalenses, pois, bastava o sino da Igreja tocar para Nonato começar a “augurar” os vivos sobre sua morte. Ele sempre começava falando de quem já havia falecido. Dizia assim:

Geracina começou com pantim, morreu!

Joana Tereza começou com pantim, morreu!
[...] Aí depois de dizer o nome de um monte de gente que já tinha morrido, dizia o nome de alguém que ainda estava vivo. (risos) Aí a pessoa ficava com muita raiva. Quem é que ia querer escutar uma coisa dessa, né? (SOUSA, 2008).

Contada dessa forma, a mania daquele vesânico parece mais uma brincadeira, mas, certamente, a última coisa que seus agouros provocavam nos pombalenses, naquela época, eram risos. Desse modo, não foram poucas as vezes que o Nonato foi conduzido à cadeia da cidade, por augurar os vivos ou ainda por urinar em público, o que durava o tempo de a polícia procurar seus familiares para responder por suas “insanidades”.

Segundo Maria Clementina Pereira Cunha, “outro sinal que denunciava aos olhos da população urbana sintomas de vesânia era a forma peculiar por meio da qual alguns desses personagens se vestiam” (2010, p. 29). Nesta perspectiva, em Pombal, Luzia, vulgo “Carne Assada”, destacou-se entre aqueles considerados como loucos. A moça tinha um estranho gosto por vermelho, o que lhe rendeu o apelido. “Usava encarnado dos pés a cabeça, sapato, meias, bolsa, unhas, tudo! só ia à missa do domingo às 9 horas da manhã, toda de vermelho, era presença certa nessa missa e nas procissões” (DANTAS, 2011). Apesar de sua devoção religiosa, tal como Severino Gabriel, se alguém a insultasse, “não poupava nem os ouvidos dos santos, nem que estivesse na Igreja, xingava e apedrejava quem passasse na sua frente” (DANTAS, 2011).

Além dos personagens que já citamos, outros tantos foram nomeados como loucos por suas vesânicas, Assim, Clóvis ganhou visibilidade por ter sempre um bicho novo para apostar: “Vai dar urubu, vai dar urubu, vai!? Vai dar borboleta, vai dar borboleta, é borboleta...” (SANTANA, 2009). Também chamava atenção por onde passava Açoite, que tinha como mania amarrar uma pedra com cordão e ficar atirando-a em seu próprio nariz, mas que fique claro, ele não poupava nariz ou cabeça de ninguém; havia Geraldo de Deca que passava o tempo todo cuspidando a rua e quem passasse à sua frente, e muitos outros, que dado às limitações deste trabalho, não serão mencionados aqui. Dito isto, cabe ressaltar que, loucos ou não, aqueles homens e mulheres considerados alienados foram aceitos durante anos com tolerância nas ruas daquela urbe.

Apesar da notoriedade que muitos daqueles personagens tinham adquirido junto ao pombalense, nos anos 1930 surgiu na cidade uma nova discursividade em torno do[a] louco[a], que deixou de ser visto como delirante, apenas, e passou a ser percebido como um doente, precisando ser tratado, não um tratamento que objetivasse curá-lo e reinseri-lo à vida social, mas normatizá-lo, retirá-lo do centro da cidade, aprisionando “àquelas vidas insanas” em suas casas, na cadeia ou ainda encaminhando-as a hospitais psiquiátricos, na Capital do Estado, João Pessoa, ou em Mossoró-RN.

Compete observar que no universo das questões urbanas, tal como aconteceu em outras paragens, em Pombal a loucura ganhou visibilidade - primeiro, por sua associação a higienização social e espacial, visto que a presença daqueles personagens nas ruas passou a ser compreendida pelos pombalenses como sintomas de atraso. Num segundo momento, percebe-se uma mudança no estatuto da loucura, que passou a ser entendida como doença e, portanto, passível de ser tratada, o que antes de libertar o louco[a]”, o/a prende numa rede de discursos que promovem sua sujeição.

A loucura passa então a ser perseguida naquilo que seria sua própria origem, identificando-se os degenerados por critérios morais e por sinais físicos que desobrigavam o alienista de seus sintomas a partir do ponto de vista restrito dos usos da razão. Retirava-se da loucura a sua visibilidade imediata aos olhos os leigos, suprimia-se ao louco o valor da sua própria fala (CUNHA, 2010, p. 30).

Face o exposto, e para que se compreenda a mudança de atitude dos habitantes de Pombal para com seus vesânicos, é preciso apreender que naquele contexto, o alienismo foi incorporado as ações políticas do governo Vargas, o que fez crescer o prestígio da psiquiatria no país. Em Pombal, as influências dessa nova fase não tardaram a chegar, isto porque o primeiro psiquiatra pombalense, formado no Rio de Janeiro, em 1926, foi José Janduhy Vieira Carneiro.

Segundo Clemildo Brunet, aquele médico alienista depois de atuar na Capital Nacional na área de sua especialidade, a Psiquiatria, e de ter ocupado a cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina, devido seu envolvimento na política local e nacional, retornou à Pombal em 1929, onde pode observar que,

o exercício de sua especialidade na Psiquiatria não era compatível com as necessidades da região. Resolveu então voltar ao Rio de Janeiro onde se preparou em Ginecologia e Obstetrícia e muito mais, ampliou os seus conhecimentos médicos em Pediatria e Doenças

Infectocontagiosas. Só assim deste modo pode voltar a sua terra natal e exercer a sua profissão de médico (BRUNET, 2008).

Apesar de Clemildo Brunet afirmar que, nos anos do nosso recorte, Janduhy Carneiro, não encontrou espaço para exercer a Psiquiatria em Pombal, é preciso problematizar esta informação, isto porque havia sim pessoas a serem tratadas por um médico alienista, conforme já citamos anteriormente. Contudo, a maioria daqueles doentes era destituída de recurso para financiar o tratamento que não era oferecido gratuitamente, o que agravava o quadro da vesânia na urbe em questão. Destarte, não é exagero dizer que os loucos e loucas pombalenses apesar de terem, em certa medida, adquirido popularidade na cidade, foram, sem dúvida, negligenciados durante anos naquilo que compete a sua saúde, o que não era uma situação isolada, visto que em Pombal naqueles anos não haviam hospitais, nem postos de saúde, o atendimento médico era realizado em consultórios particulares, o que deixava a maior parte da população sem atendimento médico, restando-lhes a opção, em caso de ser atingido por alguma moléstia, de recorrer a rezadeiras, benzedadeiras, espíritas e outras práticas de medicina popular.

Acreditamos que a motivação do Sr. Janduhy Carneiro em buscar outras especialidades médicas, não teria sido a falta de pacientes, mas a condição econômica daqueles personagens, que não teriam como financiar seus tratamentos.

Sobre a atuação daquele alienista, um dos nossos colaboradores, ao afirmar que o tratamento oferecido a um parente próximo que foi diagnosticado como esquizofrênico lembra,

Ele era tratado por Dr. Janduhy, ele era clínico geral. Quem tinha mais dinheiro ia se tratar na Capital, mas quem não tinha o jeito era ficar por aqui mesmo. Às vezes Dr. Janduhy, se fosse um caso grave mesmo, como ele era prefeito arrumava um carro e mandava aquele louco, pra João Pessoa. (JUNQUEIRA JUNIOR, 2011).

Note-se que o Sr. Junqueira Junior, afirma que o Sr. Janduhy era Clínico Geral, fato que se deve ao desconhecimento, por parte do nosso colaborador, sobre a especialidade daquele médico em Psiquiatria, o que, aliás, foi recorrente entre todos os nossos colaboradores.

Ora, antes de ser percebido como médico Janduhy Carneiro ganhou visibilidade em Pombal como prefeito. Apesar de ter saído para o Rio de Janeiro muito jovem (BRUNET, 2008), sua família cultivava grande prestígio na Paraíba e na cidade de Pombal, que, graças à atuação de Epitácio Pessoa como chefe de governo, se projetou nacionalmente. O ápice desta projeção aconteceu durante a campanha presidencial de 1929, quando a partir do golpe desfechado por Getúlio em 1930, Dr. Janduhy foi nomeado prefeito de Pombal. Nesta perspectiva, acreditamos que como gestor daquela edilidade, visando ordenar o espaço, e por influência de sua formação, é que gradativamente a loucura passou a ser tratada como doença mental.

Apesar de não haver um registro oficial sobre esta mudança na forma de se perceber e tratar a loucura em Pombal, as fontes que compulsamos nos permitiram conhecer algumas condições de possibilidade que concorreram para isto.

Assim, cite-se o caso da Sra. Haider Nóbrega, que segundo sua sobrinha Sonia Medeiros,

quando ela [Haider] teve as primeiras crises, ela vivia no sítio. Lá, vovô na ânsia de vê-la melhor dava aguardente alemã. A princípio vovô achava que era catimbó, um espírito ruim... então a levava para benzedeiras, rezas e aquelas coisas todas. Procuraram também Generino, que era espírita. Enfim, vovó, junta com vovô procuraram de tudo para tratar Haider, assim contava mamãe. Mas quando veio aqui para Pombal, teve como médico Janduhy Carneiro, que era clínico geral e, nas crises quando ela estava muito agressiva e ninguém, nem vovô, nem papai conseguiam acalmá-la eles a levavam a João Pessoa (MEDEIROS, 2012)

E, continua...

A esta altura, depois de terem tentado de tudo, meus avós e papai não acreditavam mais que era espíritos ou coisas do tipo. Sabia que era uma doença. Ninguém nunca diagnosticou a causa... (MEDEIROS, 2012)

Também pode nos ajudar no entendimento da influência de Dr. Janduhy no universo da loucura, as fichas do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, que denunciam que os primeiros doentes mentais, enviados para tratamento naquele espaço, estiveram lá a partir de 1930. Suas fichas de internação expressam as muitas faces que a loucura tinha adquirido em Pombal naqueles anos. Assim, sabemos que os loucos não tinham raça definida naquela cidade, isto porque a incidência de brancos (58%) foi muito

superior a de pretos (8,5%), morenos(8,5%) ou pardos(25%). Há também uma recorrência maior de loucos homens (65%); quanto ao diagnóstico observamos que havia entre os pombalenses que passaram a “habitar o espelho”, Esquizofrenia (18%), Idiotia(3%), Demência precoce(12%), Epilepsia (18%), Psicasteria(12%), Mania (7%) e Alcoolismo(5%), mas havia também aqueles que mesmo conduzidos àquele espaço para tratamento mental, não tiveram em suas fichas um diagnóstico preciso para o mal que o atingia(25%). Para além dos números, tais dados tem relevância na medida em que nos auxilia na compreensão da loucura e das mudanças de sensibilidades dos pombalenses frente aos seus loucos. Ora, considere-se, à título de exemplo o alcoolismo. Certamente a compreensão do etilismo como loucura não foi algo que surgiu desprovida de cientificidade naquela urbe, isto porque até os dias de hoje, apesar de um entendimento daquela prática como vício, segundo a maioria dos nossos colaboradores, “alcoólatra não é louco não. Nunca foi! É um vício aí a pessoa se trata e fica boa” (DANTAS, 2011).

Além da documentação citada acima, também as ações administrativas do prefeito Janduhy Carneiro devem ser consideradas. Na sua gestão as reformas urbanísticas, foram mais intensas, atingindo até as residências particulares. Naqueles anos a cidade viveu um verdadeiro Bota abaixo. Considere-se, para uma melhor compreensão do assunto, que foi neste contexto que se deu a fundação do bairro dos Pereiros, marcando, com a construção das linhas férreas, os espaços saudáveis, ditos virtuosos e aqueles doentios, considerados viciosos. Estava criado, ainda que com certa flexibilidade, um cordão sanitário em Pombal.

Observe-se ainda que nos anos do nosso recorte, dado a implantação da indústria de beneficiamento de oiticica em Pombal, há uma intensa migração no sentido campo-cidade, o que provocou o aumento populacional urbano. Como consequência, crescem a violência e os conflitos sociais. O medo das aglomerações de pessoas, superdimensionado pelas notícias que chegava da Capital acerca do banditismo, assombrava as elites daquelas cidades que passaram a buscar, junto aos poderes

competentes, meios para identificar e isolar os homens e mulheres nocivos à sociedade, além de vigiá-los e discipliná-los⁸.

Desta forma, tal como aconteceu no Rio de Janeiro em fins do século XIX, também em Pombal “A missão de barrar a maré de degenerados tornava-se urgente e imperiosa, para os alienistas e para as elites assustadas, sob o risco de uma incontrolável patologia do corpo social” (CUNHA, 2010, p. 28).

Assim, as famílias que tinham “loucos” passavam a ser orientadas a prendê-los em suas casas, sob pena de serem punidas, o que parece não ter tido sucesso. Destarte, em face da resistência imposta por aqueles grupos indesejados, foi criado em 1936, o Código de Postura Municipal, que visava, pelo menos nos discursos oficiais, a diminuição de tais pessoas ou grupos daqueles espaços mais centrais. Neste sentido, observe-se que, ainda que não tenha sido esta a intenção dos seus idealizadores, os loucos[as] existente naquela urbe sertaneja ganham dizibilidade e visibilidade. Assim, em seu capítulo VIII, “Da ofensa á moral e aos bons costumes”,

Art. 40 – É expressamente vedado:

- f) perambularem os loucos pelas ruas da cidade.
 - g) proferir de público obscenidades e fazer algazarras e correrias pelo centro da cidade.
- § 1º - O infractor dos dispositivos das letras *a, b, c, d, e, f*, deste artigo será punido com multa de 10\$000 e 20\$000 na reincidência.
- § 2º - O infractor do dispositivo da letra *f*, devido mesmo á sua irresponsabilidade, não é passível de pena, mas responderá por ele, de conformidade com o § anterior, aquelle sob cujos cuidados estiver ele. (POMBAL, 1936).

Embora a lei estabelecesse multas para os responsáveis por tais pessoas, as penalidades nunca eram aplicadas. Simplesmente porque as famílias não teriam como pagá-las. Segundo a Sra. Raimunda Santana Evaristo, “os policiais faziam a pessoa prometer que não ia mais deixar os doidos soltos, aí a pessoa prometia e era liberada, a pessoa e o louco”(2008).

Entre as famílias abastadas, a prática de prender os loucos foi mais comum, o que se deu em face, de ter surgido em Pombal discursos sobre a hereditariedade da doença mental, em face do que, além de ter sua voz silenciada enquanto [des]razão, , o

⁸ Compete afirmar ainda, que naqueles anos, e mesmo nos períodos de festividades, onde deslocavam-se para aquela cidade gente de todas as partes da Paraíba, não havia multidões em Pombal.

doente mental torna-se invisível para a sociedade, dado que passam a ser confinados em quartos que pode, sem exagero, ser definido como prisões, o que não silencia sua existência, posto que alguns faziam-se ouvir, ainda que a revelias dos seus parentes. Neste sentido, algumas famílias tomadas pela vergonha e desejando “esconder dos olhos da sociedade os seus próprios ‘defeitos congênitos’ [...] tornam-se cúmplices da medicina mental no internamento de seus membros tidos como ‘loucos’ pelos critérios dos doutores”(CUNHA, 2010, p.38).

Apesar do poder de autoridade do alienista que, em Pombal, a partir os anos 1930, era de forma não oficial exercido e representado pelo Dr. Janduhy Carneiro, cabe ainda assinalar a partir das reflexões de Maria Clementina Pereira Cunha que “O alienismo não poderia ter sido imposto se não conseguisse convencer também aos seus destinatários”. Tal como aconteceu no Rio de Janeiro, guardando-se as devidas proporções, em Pombal “em muito pouco tempo, seus princípios estavam incorporados à fala dos leigos”. Ora, na falta de psiquiatras eram as vestes, as esquisitices e, depois os aspectos físicos que denunciavam os vesânicos, que não conseguiam mais fugir das malhas dos discursos dos senhores de poder.

Por fim, dado as nossas limitações e posto que ainda há muito a se conhecer e dizer sobre a loucura em Pombal, asseguramos que, se este trabalho foi escrito deve-se ao fato de que aqueles personagens que atendiam [ou se agitavam] pelos nomes de Severino Gabriel, Carne Assada, Nonato, Dinha, Juriti... saíram do silêncio e da invisibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

BRITO, Fátima Saionara Leandro. **Andanças que cortam os caminhos da razão: as vivências insanas e a atuação da Reforma psiquiátrica em Campina Grande – PB. 2011. 198 f. Dissertação (Mestrado) em História. Universidade Federal de Pernambuco .CFCH, Recife, 2011.**

CARRARA, Sérgio. **Crime e Loucura**: O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. Rio de Janeiro: EDUERJ/EDUSP, 1998.

CASTEL, Robert. **A Ordem Psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A Invenção do Cotidiano. -Tomo II - Morar, Cozinhar**; Petrópolis; Vozes; 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril** – cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: companhia das letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COELHO FILHO, Heronides. **A psiquiatria no país do Açúcar**. s/ed.s/d.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Cidadelas da Ordem**: A doença mental da República. São Paulo: Brasiliense, 2010.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os Delírios da razão**: Médicos, Loucos e Hospícios – Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FONSECA, Cristina M. O. **Saúde no Governo Vargas (1930-1945)**: dualidade institucional de um bem público. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da Violência nas Prisões. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **História da Loucura na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MACHADO, Roberto. (et al.) **Danação da norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **Uma estranha noção de ciência: repercussão do pensamento Eugênico no Brasil**. In: CLIO. Revista de Pesquisa Histórica. Programa de Pós-Graduação em História. No. 27-1, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SANTANA, Flávio Carreiro de. **Recriando Espaços, Inventando Lugares: memória e oralidade sobre as transformações urbanas em Pombal (1930-1950)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFCG, Campina Grande.

SILVA FILHO, Edivaldo Brilhante. **História da Psiquiatria na Paraíba**. João Pessoa: Santa Clara, 1998.

SOUSA, Antônio José de. **Apanhados Históricos Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal**. Pombal: Gráfica Comercial Ltda; 1971.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Um olhar sobre Pombal antiga (1906 a 1970)**. João Pessoa: A União, 2002.

VIEIRA, Francisco. **Todo doido tem passagem livre**. 2008.

WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádia Maria Weber, (Orgs.). **História e Loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

WANDERLEY, Helmara Giccelli Formiga. **Cotidiano, cultura e Lazer em Pombal: as contradições do Progresso**. (2009). Dissertação (Mestrado em História) – UFCG, campina Grande. 2009.

FONTES

ALMEIDA, Ana Ferreira de. **Entrevista concedida a autora** . Pombal. 02. 02. 2009.

ALMEIDA, Pedro Fernandes de. . **Entrevista concedida a autora**. Pombal. 01.01.2009

ASSIS, Ivanil Salgado de. **Entrevista concedida a autora**. Pombal. 20. 06. 2004

BANDEIRA, Manoel de Sousa. **Entrevista concedida a autora**. Pombal. 28. 07 2004.

DANTAS, VALDETE. **Entrevista concedida a autora**. Pombal. 05. 01. 2011.

EVARISTO, Raimunda S. **Entrevista concedida a autora**. Pombal. 05. 07. 2007.

FARIAS, Francisca Dantas de. **Entrevista concedida a autora**. Pombal. 12. 06. 2008.

JUNQUEIRA JUNIOR, Pedro. **Entrevista concedida a autora**. Pombal. 08. 12. 2007; 06. 06. 2008; 03. 03. 2009; 29 06. 2011.

MEDEIROS, Sônia. **Entrevista concedida a Maria das Graças Wanderley**. Pombal. 25.07.2012.

SANTOS, Benta Carneiro dos. **Entrevista concedida a autora.** Pombal. 20. 06 2004.

SANTANA, Neuman. **Entrevista concedida a autora.** . Pombal. 04. 03. 2012.

SOUSA, Raimundo Formiga de. **Entrevista concedida a autora.** Pombal. 06. 03. 2008.

TÔRRES, Francisca Trigueiro. **Entrevista concedida a autora.** Pombal. 20. 03. 2004.

FICHAS DE INTERNAÇÃO DE PACIENTES DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO
JULIANO MOREIRA (1928 a 1945)

PRONTUÁRIOS MÉDICOS DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO JULIANO MOREIRA
(1928-1945)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos/ Contagem a População. 1930; 1940; 1950; 1960; 1970.** Consulta realizada em 20 de Junho de 2007. Pomba –PB.

Prefeitura Municipal de Pombal. **Lei nº 3 de 23 de junho de 1936. Código de Posturas do Município de Pombal.** João Pessoa; Imprensa Off. 1936.